

## Conclusão Geral

Apresentado e vivido como uma ruptura excludente entre dimensões constitutivas do ser humano, o dualismo tem como conseqüência, para alguns cristãos, em prática de vida de devoção desligada do mundo em que se vive, para outros, em ação social que desconhece os aspectos transcendentais da religião: mística ou militância aparecem, portanto, como opções excludentes.

Por combinar parâmetros não cristãos à visão de mundo comprometida com o Evangelho – trata-se, conforme explicado por Rubio, de uma estrutura mental de oposição-exclusão –, o dualismo é um problema para a plena realização da fé e para a missão cristã, pelo que demanda um enfrentamento tanto no nível teológico quanto prático. No nível teológico, é necessária a caracterização de seu conteúdo e formas, o reconhecimento de suas origens e dos modos como se imiscuiu e continua a se embaraçar no cristianismo. No nível prático importa conhecer maneiras que direcionem os cristãos e a Igreja por caminhos mais claramente identificados com o exemplo de Jesus Cristo e, por isso, mais eficazes no que diz respeito à missão por ele confiada à Igreja.

O trabalho partiu do reconhecimento da presença, no cristianismo, de um modo geral, e no meio batista brasileiro, em particular, de elementos do dualismo cristão. O primeiro capítulo foi dedicado à recuperação – descrever, caracterizar e exemplificar – elementos da história cristã e da história batista no Brasil que permitem situar na origem do cristianismo, e, mais adiante, no mesmo capítulo, o modo de seu enraizamento no meio batista. Primeiramente, a penetração dualista no cristianismo e alguns dos modos pelos quais a fé cristã foi e é dualista: a incorporação do dualismo à cultura ocidental reflete-se na vida da igreja cristã e acarreta resultados desastrosos para a ação evangelizadora quando esta não consegue efetivar-se a partir da integração entre fé e prática. Em seguida, a formação do pensamento e da doutrina no protestantismo batista brasileiro, do fundamentalismo protestante e Batista – para tal fez-se uma breve história dos batistas e sua chegada ao Brasil – e da pedagogia Batista, onde foram analisadas duas alegorias empregadas na evangelização, que ajudaram a sedimentar o

dualismo. Por último, discutiu-se um movimento de reação: o Evangelho Social e a Missão Integral, tentativas de integrar ação social e vida de devoção na Igreja Batista.

A hipótese pode ser resumida na idéia de que, além do exemplo de Cristo, há experiências de vida que, por combinar aspectos da mística cristã com militância social e política firmes, indicam modos de enfrentamento do dualismo e iluminam o trabalho de evangelização, no caso ao qual se dedicou no primeiro capítulo, o dos Batistas brasileiros. A investigação do pensamento e vida de Dietrich Bonhoeffer valeu-se, sobretudo, do fato de mística e militância nele encontrarem um lugar de reflexão: pastor, político e teólogo numa pessoa. Cinco pontos afluíram da análise e foram recuperados para servir para a elaboração de uma teologia e pastoral em vista da superação do dualismo, conforme foram vistos.

A hipótese, desenvolvida nos dois primeiros capítulos informaram a discussão apresentada no terceiro capítulo do trabalho, que considera as indicações e possibilidades pastorais num mundo onde permanece o dualismo. Tratou-se dos dois perigos que a Igreja na atualidade corre, como também aconteceu na época de Bonhoeffer: o perigo de se aliar ao poder constituído para dele se beneficiar e o de não questionar o governo e as instâncias superiores, como se emanados de Deus. Também se procurou trazer à memória o ministério de Jesus Cristo – que não foi apenas perdão de pecados, mas de transformação da vida e da situação dos que se aproximaram dele desejosos dessa mudança – e reforçar seu exemplo como fundamento para o combate de todo o tipo de dualismo: o Filho se fez *carne* para servir à humanidade e anunciar a chegada do Reino. Por fim, discutiram-se os cinco pontos que a Igreja tem que trilhar para combater o dualismo ação e oração: 1) uma maior participação na vida no mundo, amando-o como Pai amou; 2) o amor a Deus que se encontra no Jesus crucificado,<sup>483</sup> e conseqüentemente amor ao próximo que é a imagem e semelhança de Deus e a toda a criação; 3) uma busca pela vivência comunitária de amor serviço em 4) cooperação com outras igrejas, visando a expansão do Reino; e 5) um agir responsável em prol das gerações futuras.

---

<sup>483</sup>BONHOEFFER, D. *Prédicas e alocuções*, trans. MALSCHITZKY, H. (São Leopoldo: Sinodal, 2007). p. 28.

Dentre suas muitas qualidades pessoais, Dietrich Bonhoeffer era um poeta de grande inspiração. Em certo sentido, só está apto à prática de uma mística cristã não alienada, que não represente a negação da militância cristã responsável, aquele que mantém uma relação poética com Deus e com o universo por ele criado. Como acentua Rubem Alves, religião é questão de imaginação. De igual modo, fé é questão de sensibilidade. O poema abaixo, de uma estudiosa de Bonhoeffer, Diana Exon, revela, no fim de contas, que sem ambicionar ser um novo João Batista, o teólogo alemão adquiriu uma estatura pessoal e teológica que só possuem os que trazem consigo, por maior que sejam seus méritos, o desejo expresso pelo rude profeta judeu: “Que Cristo cresça e que eu diminua”(Jo 3,30):

Sou chamado de discípula de Bonhoeffer.

Ai de mim, pois não sou discípula dele,  
mas de Cristo, o meu Deus.  
As pessoas olham para mim e dizem:  
“Lá vai ela, sempre pregando Bonhoeffer isso,  
Bonhoeffer aquilo”,  
e tudo o que eu quero dizer é  
“Ele mostra o caminho para Cristo;  
ouçam o que ele diz,  
abram seus olhos, seus ouvidos, sua mente,  
seu coração!”  
Quão fácil me seria tornar-me  
uma tiete de Bonhoeffer;  
como é fácil para os que têm autoridade  
mandar-me embora chamando-me de “louca”!

Nos anos futuros,  
quando eu for um pouco de cinza espalhada numa colina,  
alguns talvez se lembrem, no meio de um nevoeiro,  
de pensamentos confusos:  
“Sim, ela estava tentando nos dizer alguma coisa...  
salvar nossa alma, disse ela... eu acho...  
O que será que foi?  
Mas, então, vinha aquele tal de Bonhoeffer  
zunindo em sua cabeça...  
Que coisa!”

Se eu for lembrada assim nos dias futuros,  
então terei falhado em meu chamado  
de edificar sua Igreja  
por meio do amor e do sofrimento,  
que é o “temor” a Deus.<sup>484</sup>

---

<sup>484</sup>SLANE, *Bonhoeffer as Martyr: social responsibility and modern Christian commitment*. p. 37-38. citando Diana Exon. “Be What You Are”. In *Catching Diamonds*, Braddon, Australia: Trendsetting, 1990, p. 34-5.

Não se pretende apontar Bonhoeffer como o caminho, mas, como o poema de Diana Exon mostra, ele aponta o Caminho, o que pode estimular outros a ouvir o que ele diz. O Cristo que viveu em e por meio de Dietrich Bonhoeffer é muito mais cativante que o próprio Bonhoeffer. Se algo aparecer diferente, está-se no caminho errado.

Encontram-se nos escritos de Bonhoeffer muitas frases que levantam platéias e despertam muitos cristãos de sua inércia social, levando-os a buscar uma vida de comunhão mais profunda com Deus e com os seus semelhantes, e a seguir os ensinamentos de Jesus de modo mais concreto. Foi assim com a autora desse trabalho. O modelo e mestre por excelência é Jesus. Porém, acredita-se que, os elementos que vistos na vida de Bonhoeffer - seus escritos e, sobretudo, seu testemunho concreto de vida - podem ajudar aos batistas brasileiros nesse início do século XXI. Esses elementos não são estanques, pelo contrário estão profundamente entrelaçados. A Igreja que ensina o amor a Deus e ao próximo é uma Igreja que produz no fiel o desejo de viver sua fé em comunidade, como o Povo de Deus, diferentemente de uma fé intimista. Essa Igreja imprime em seus membros a marca da responsabilidade ética, e os prepara para dar ao mundo a razão de sua fé através do agir responsável a serviço da promoção humana e da instauração de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Constitui uma Igreja inserida no mundo, que rejeita a concepção dualista de Igreja Espiritual versus mundana. Ela é a presença de Deus no mundo.

Deve-se reconhecer que, apesar das recorrentes tendências dualísticas que se verificam nas abordagens teológicas e na realidade prática, é inegável que as Igrejas Batistas (sem desmerecer as demais confissões) dão uma relevante contribuição para o desenvolvimento da autêntica espiritualidade cristã. Elas transformam pessoas sem perspectivas de vida em cidadãos do Reino, aptos à plena cidadania. Em muitos casos, suas conquistas radicam-se na iniciativa profética de indivíduos que, a exemplo de um Martin Luther King, permanecem inconformados com a cooptação da proposta cristã por estruturas de uma sociedade corrupta e perversa, o que em hipótese alguma descaracteriza ou desmerece essas conquistas.

O trabalho aqui empreendido suscita questionamentos, que por sua vez indicam algumas pistas e caminhos a serem seguidos. Como na pastoral seria possível trabalhar melhor a dimensão de amor a Deus e ao próximo? Como orar

pelos dirigentes da nação, sem perder o espírito crítico, mantendo um espírito profético? Orar sim, mas sem deixar de denunciar as atitudes do governo, do estado ou de grupos dominantes que não correspondam a uma mensagem cristã. Falar pelos pobres, desprovidos de seus direitos civis no mundo de hoje, que no seu sofrimento anseiam pela palavra profética de Deus, solidarizando-se com eles em seus problemas e promovendo ações práticas em seu favor. Como somar esforços com irmãos de outras confissões (e não apenas discutir o ecumenismo e suas bases) de forma que o Cristo de Deus seja exaltado? Isso também se pode aprender com o teólogo que não permitiu que sua teologia e sua vida ficassem restritas à sua própria Igreja.

Este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto, nem de trazer soluções definitivas para um problema tão enraizado no pensamento e na prática cristã, espera, no entanto, contribuir para que outros continuem estudando e aprofundando a temática. Quem se apresentará?